

COMPETIÇÃO EM CATEGORIAS DE BASE NO FUTSAL: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES

*Jéssica Caroline da Costa
Ana Lúcia Padrão dos Santos*

RESUMO

O futsal é uma modalidade esportiva praticada em todo o mundo, com expressivo aumento de participantes na sua história recente. Logo, para uma evolução adequada e sustentável da modalidade, é necessário que sua estrutura geral de treinamentos e competições seja coerente com o desenvolvimento de seus praticantes, desde as categorias mais jovens até os adultos. O objetivo deste estudo foi identificar as características essenciais das competições de futsal para as categorias de base, bem como analisar a situação atual de acordo com o conhecimento científico. Foram avaliados os regulamentos utilizados nas federações dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, assim como o da Confederação Brasileira de Futsal. Entre os regulamentos analisados, foram identificadas poucas alterações das regras oficiais na organização de eventos competitivos voltados para as categorias infante-juvenis. Essa situação parece estar em discordância com as teorias na área, as quais alertam que essa prática pode resultar na especialização precoce de seus praticantes. A elaboração de uma proposta esportiva efetivamente benéfica ao aprendiz deve considerar como possibilidades pedagógicas a adaptação das regras e a alteração dos modelos competitivos vigentes. De acordo com a literatura encontrada, conclui-se que a estrutura competitiva adequada deveria ser pautada nas necessidades e expectativas da criança para favorecer seu pleno desenvolvimento.

Palavras-chave: iniciação esportiva, desenvolvimento, crianças, regras.

Recebido para publicação em 03/2014 e aprovado em 09/2014.

Bacharéis em Esportes - Escola de Educação Física e Esporte - Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

O futsal é uma modalidade esportiva que adquiriu prestígio e importância no cenário mundial nos últimos anos. Estima-se que haja no mundo cerca de 1,7 milhão de praticantes em mais de 120 países. Dados da Fédération Internationale de Football Association - FIFA (2008) apontam a existência de mais de 310 mil atletas, divididos em cerca de quatro mil clubes, no Brasil, o que evidencia o crescimento da modalidade em número de participantes, quando comparado com dados apresentados em 2003 pela Confederação Brasileira de Futsal - CBFS, cuja estimativa era de aproximadamente 267 mil atletas da modalidade registrados no Brasil, divididos em três mil equipes (SANTANA; RIBEIRO, 2010; SALLES; MOURA, 2006). De acordo com Hallal et al. (2004), é a modalidade esportiva mais praticada no Brasil e a que mais cresce no mundo. Dado o crescimento apresentado, torna-se fundamental a estruturação da modalidade no processo de formação dos jogadores, de modo que ofereça subsídios sólidos para sua sustentação em altos níveis competitivos.

A literatura acadêmica indica que a prática esportiva na infância deve proporcionar o desenvolvimento psicológico e motor dos jovens atletas, respeitando suas necessidades conforme cada faixa etária (OLIVEIRA; PAES, 2004; ANTUNES, 2005; SAAD, 2006). Entende-se que o processo de formação esportiva, principalmente o treinamento com crianças e adolescentes, não deve visar apenas ao alto rendimento, e sim um processo de ensino-aprendizagem, ou seja, um processo pedagógico (ANTUNES, 2005). Consequentemente, a especialização esportiva precoce deve ser evitada. Tais pressupostos evidenciam a importância da reflexão acerca dos processos de treinamento na infância e na formação de atletas. Um modelo de competição para categorias menores, referenciado nos moldes profissionais, com ênfase na vitória pode ser um dos fatores geradores de um sistema de treinamento que resulta em especialização precoce (KNIJNIK et al., 2008; SILVA, 2010).

Em decorrência desse cenário, é essencial analisar e propor um modelo de competição para categorias de base do futsal fundamentado em conhecimentos científicos que permitam transferir o foco, que hoje está explicitamente direcionado ao processo competitivo, às vitórias e à miniaturização das competições profissionais, para uma concepção que respeite as necessidades das

faixas etárias mais jovens, considerando suas características e necessidades integrais.

COMPETIÇÕES ESPORTIVAS PARA CRIANÇAS: PANORAMA ATUAL

É inevitável pensar no esporte associado a um processo competitivo. Todavia, a competição tem sido alvo de muitas controvérsias quanto a seus benefícios e malefícios para a formação de crianças e jovens.

Entre os que defendem a presença da competição no cotidiano esportivo e formativo infanto-juvenil, preponderam argumentos em torno da formação de valores. Na maioria das situações, a criança gosta de competir e se sente fascinada, e, quando a competição é usada como um meio, transforma-se em uma valiosa aliada na formação de valores, tornando a criança mais participativa, autêntica, criativa, solidária, integrada, sujeito de seu processo de desenvolvimento e de sua aprendizagem, contribuindo para a formação de cidadãos edificadas (MONTAGNER, 2011).

Rodrigues et al. (2010) consideram que as experiências competitivas são capazes de proporcionar desenvolvimento físico, emocional e intelectual da criança e do adolescente, desenvolvendo autoconfiança e estimulando o comportamento social. A competição proporciona também a oportunidade de lidar com as vitórias e derrotas, desenvolvendo a tolerância a frustrações dessas experiências e um aprendizado no sentido de superá-las.

Por outro lado, a prática do esporte competitivo pode gerar como consequência um treinamento com alto grau de especificidade (NEGRÃO, 1980). Quando a orientação está voltada exclusivamente para o produto, ou seja, busca pelo resultado final e pela vitória, o esporte passa a estar acima da criança, e esta é vista apenas como um atleta em potencial – fato esse que colabora com os aspectos negativos existentes no processo competitivo infantil (VOSER et al., 2001).

Assim, a análise das regras e regulamentos das competições do futsal atual para categorias de base das entidades responsáveis pelo desenvolvimento da modalidade no País torna-se fundamental. As Tabelas 1 a 4 apresentam uma síntese das principais características que diferenciam as regras nas diversas categorias do futsal em alguns Estados.

Tabela 1 - Adaptações feitas pelas federações relacionadas à regra de arremesso de meta (Federação Paulista de Futsal, 2012; Federação Mineira de Futsal, 2012; Federação de Futebol de Salão do Estado do Rio de Janeiro, 2012; Federação Catarinense de Futebol de Salão, 2012; Federação Paranaense de Futsal, 2012)

REGRAS	FEDERAÇÃO PAULISTA	FEDERAÇÃO MINEIRA	FEDERAÇÃO CARIOCA	FEDERAÇÃO CATARINENSE	FEDERAÇÃO PARANAENSE
Arremesso de Meta	A bola não pode ultrapassar a linha divisória do meio da quadra sem que toque no solo ou em qualquer atleta em sua meia quadra, ou que o atleta adversário entre de posse dela.	A bola não pode ultrapassar pelo alto a linha divisória da meia quadra de jogo.	Não foram encontradas adaptações.	Não foram encontradas adaptações.	Não foram encontradas adaptações.

Tabela 2 - Adaptações feitas pelas federações relacionadas à regra da participação dos atletas (Federação Paulista de Futsal, 2012; Federação Mineira de Futsal, 2012; Federação de Futebol de Salão do Estado do Rio de Janeiro, 2012; Federação Catarinense de Futebol de Salão, 2012; Federação Paranaense de Futsal, 2012)

REGRAS	FEDERAÇÃO PAULISTA	FEDERAÇÃO MINEIRA	FEDERAÇÃO CARIOCA	FEDERAÇÃO CATARINENSE	FEDERAÇÃO PARANAENSE
Participação dos atletas	1º período: 5 jogadores ou mais; 2º período: no mínimo 3 jogadores ou mais que não tenham jogado o 1º período; 3º Período: livre.	Sub 11 e Sub 13: 1º quarto de jogo: livre; 2º quarto de jogo: utilização somente de atletas que não tenham atuado no 1º quarto de jogo; (2º) período, 3º e 4º quartos de jogo: livre.	Não foram encontradas adaptações.	Não foram encontradas adaptações.	Não foram encontradas adaptações.

Tabela 3 - Adaptações feitas pelas federações relacionadas à regra de saída de bola (Federação Paulista de Futsal, 2012; Federação Mineira de Futsal, 2012; Federação de Futebol de Salão do Estado do Rio de Janeiro, 2012; Federação Catarinense de Futebol de Salão, 2012; Federação Paranaense de Futsal, 2012)

REGRAS	FEDERAÇÃO PAULISTA	FEDERAÇÃO MINEIRA	FEDERAÇÃO CARIOCA	FEDERAÇÃO CATARINENSE	FEDERAÇÃO PARANAENSE
Saída de bola	Não será válido o tento resultante de bola de saída, mesmo que a bola, em sua trajetória, toque, ou seja tocada, por qualquer atleta, inclusive o goleiro.	Não foram encontradas especificações.	Não foram encontradas adaptações.	Não foram encontradas adaptações.	Não foram encontradas adaptações.

Tabela 4 - Adaptações feitas pelas federações relacionadas à regra do tempo de jogo por categoria (Federação Paulista de Futsal, 2012; Federação Mineira de Futsal, 2012; Federação de Futebol de Salão do Estado do Rio de Janeiro, 2012; Federação Catarinense de Futebol de Salão, 2012; Federação Paranaense de Futsal, 2012)

REGRAS		FEDERAÇÃO PAULISTA	FEDERAÇÃO MINEIRA	FEDERAÇÃO CARIOCA	FEDERAÇÃO CATARINENSE	FEDERAÇÃO PARANAENSE
Tempo de jogo por categoria	Sub 7	2 períodos de 5 min. e 1 período de 10 min.	Não foram encontradas especificações.			
	Sub 9	2 períodos de 5 minutos e 1 período de 10 minutos.	Não foram encontradas especificações.	Não foram encontradas especificações.	2 tempos de 12 minutos.	Não foram encontradas especificações.
	Sub 11	2 períodos de 5 minutos e 1 período de 10 minutos.	4 quartos de 7 minutos e 30 segundos.	Não foram encontradas especificações.	2 tempos de 15 minutos.	Não foram encontradas especificações.
	Sub 13	2 períodos de 6 minutos e 1 período de 12 minutos.	4 quartos de 7 minutos e 30 segundos.	Não foram encontradas especificações.	2 tempos de 15 minutos.	Não foram encontradas especificações.
	Sub 15	Não foram encontradas especificações.	2 tempos de 15 minutos.	Não foram encontradas especificações.	2 tempos de 15 minutos.	Não foram encontradas especificações.
	Sub 17	Não foram encontradas especificações.	2 tempos de 20 minutos.	Não foram encontradas especificações.	2 tempos de 20 minutos.	Não foram encontradas especificações.

Foram encontradas ainda especificações diferenciadas para os tipos de bola utilizados nas competições de diversas categorias feitas pelas federações paulista e mineira; no entanto, as indicações eram referentes à marca e modelo da bola utilizada, e não ao peso e circunferência.

Como demonstram as Tabelas de 1 a 4, entre as adaptações feitas pela federação do Estado de São Paulo e pela federação do Estado de Minas Gerais estão:

- A reposição de bola pelo goleiro durante o tiro de meta, que visa evitar lançamentos diretos do goleiro até a quadra de ataque, estimulando assim a armação de jogadas através do toque de bola, o que pode favorecer o estímulo à criatividade dos iniciantes em futsal.

- Estratégias que regulamentam as substituições dos atletas das categorias menores, o que possibilita a participação de mais atletas durante a partida e não apenas de atletas que apresentem elevado nível técnico.

- Diferenças quanto ao modelo de bola utilizado em cada categoria, o que favorece as necessidades das crianças em relação às capacidades físicas.

Sobre o tempo das partidas, a Confederação Brasileira de Futsal (2011) indica um tempo específico somente para categorias Sub 15, Sub 17, Sub 20 e adulto, ao passo que “para as outras categorias, em suas faixas de idade, as entidades estaduais deverão determinar ou homologar a fixação de tempo especial de duração da partida” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL, 2013).

Desse modo, pode-se observar que, embora determinadas entidades apresentem uma preocupação com as categorias mais jovens e adaptem algumas regras, não existe uma regulamentação geral para essas categorias. Além disso, as poucas adaptações apresentadas não parecem suficientes para tornar o desenvolvimento da modalidade e do iniciante adequado e eficiente no que diz respeito aos aspectos físicos, psicológicos e sociais.

Para que se possam propor modificações na estrutura do esporte que contemplem as necessidades das crianças e jovens, é fundamental conhecer suas características físicas, psicológicas, cognitivas e motoras nas diferentes faixas etárias e, assim, implementar as adaptações mais adequadas.

Entende-se por desenvolvimento motor as “alterações progressivas do comportamento motor no decorrer do ciclo da vida, proporcionadas pela interação entre as exigências da tarefa, biologia do indivíduo e as condições do ambiente” (GALLAHUE; OZMUN, 2005, p. 28). Logo, a iniciação esportiva, definida como o período em que a criança começa a aprender uma prática esportiva, é uma importante ferramenta para a estimulação motora (RAMOS; NEVES, 2008).

Outro aspecto fundamental para a construção de um projeto destinado a atender às necessidades de um indivíduo na infância é considerar as características psicológicas e cognitivas. Martí (2004) destaca temas como velocidade e capacidade de processamento de informação, atenção seletiva, consciência reflexiva, entre outros fatores que são fundamentais para estruturar uma competição que seja coerente com as capacidades da criança, suas necessidades e sua visão do mundo. A iniciação esportiva deve ocorrer de forma lúdica e prazerosa, sendo respeitada a relação entre o nível de complexidade dos movimentos e o desenvolvimento motor das crianças (SANTOS, 2014; SILVA, 2010).

Essas características devem ser consideradas na estruturação de competições esportivas nas categorias de base. Assim, é necessário que haja uma ampla adequação nos modelos de competições no futsal e, mais do que isso, que essa regulamentação e novos modelos sejam considerados, analisados e aplicados pelas instituições responsáveis pelo desenvolvimento do futsal no País, de modo a garantir que haja fundamentação e coerência na proposta de trabalho em todo o território nacional, favorecendo o desenvolvimento da modalidade.

COMPETIÇÃO PARA CATEGORIAS DE BASE NO FUTSAL: POSSIBILIDADES

Entre as possibilidades de adaptação de modelos de competição, é necessário considerar dois importantes tópicos:

- A alteração das regras, a qual visa possibilitar a adaptação da estrutura do jogo de modo a tornar plenamente apta a participação das crianças na modalidade, respeitando suas capacidades físicas, psicológicas e cognitivas, e possibilitar ao máximo o desenvolvimento do iniciante.

- A alteração no sistema de disputa competitiva, que tem por objetivo diminuir o foco de tais competições na vitória e, assim, minimizar os efeitos negativos que podem ser gerados pela prática competitiva inadequada e seus reflexos na especialização precoce.

No que se refere às regras, acredita-se que todas as estruturas do futsal devam ser adaptadas, o que inclui alterações quanto a medida das metas, bola, tamanho da quadra e tempo de jogo. Essas modificações são baseadas em cálculos de proporcionalidade de dimensões em relação ao tamanho médio de jogadores profissionais e ao tamanho médio de atletas de cada categoria de base.

Há alguns estudos que indicam as médias de alturas de praticantes de futsal em função de cada categoria. Dantas e Fernandes Filho (2002) identificaram 175,6 cm como a média de altura de 66 jogadores de futsal, com média de idade de 25 anos, que disputaram a Liga Nacional da modalidade no ano de 2001/2002. Dias et al. (2007) encontraram os seguintes valores: Sub 9 – 132 cm; Sub 11 – 140 cm; Sub 13 – 153 cm; Sub 15 – 164 cm; e Sub 17 – 173 cm. Esses fatores

servem como parâmetros para os cálculos de proporcionalidade para a obtenção das medidas.

No que diz respeito ao tamanho das metas, dois problemas são bastante evidentes quanto à estatura das crianças e às balizas oficiais de futsal. O primeiro é a utilização apenas de goleiros com estatura elevada, o que exclui a participação de crianças menores na posição. O segundo problema refere-se à execução de chutes apenas na parte superior da baliza, para explorar a dificuldade do goleiro em alcançar bolas altas, fato que impede o pleno desenvolvimento técnico e cognitivo do jogador para buscar soluções no jogo, uma vez que, quando se deparar com goleiros mais altos ou quando estiver jogando em categorias cuja estatura dos atletas já não permita essa ação, a criança não saberá como solucionar o problema. A adaptação da baliza passa então a ser fator de suma importância para o desenvolvimento do jogador e da modalidade.

Em relação ao tamanho da bola, Hagen (2002) utilizou o critério de proporcionalidade para estabelecer novos valores de circunferências, visto que a execução do chute depende do comprimento dos segmentos do jogador em relação à circunferência e, conseqüentemente, do centro de gravidade da bola. Assim, para manter as mesmas características do jogo infantil e do adulto, o tamanho dessa circunferência deve seguir a proporcionalidade linear.

Quanto ao tempo de jogo, Hagen (2002) propõe que a adequação para as categorias infantis da modalidade utilize o critério da escala de proporcionalidade elevada ao cubo, pois, para manter as movimentações intensas durante a partida, o jogador depende basicamente de seus volumes pulmonares e sanguíneos cardíacos, sendo estas grandezas volumétricas.

Por fim, no que concerne à quadra, a Tabela 5 descreve valores hipoteticamente ideais de dimensões da quadra para cada categoria, seguindo o critério de proporcionalidade. Entretanto, em termos práticos, torna-se dificultosa a utilização de dimensões diferentes para cada categoria. Assim, propõe-se que, para as categorias Sub 9, 11, 13 e 15, a quadra possua valores mínimos de 30 m de comprimento e 15 m de largura, e máximos de 35 m de comprimento e 17,5 m de largura, o que minimiza os problemas de dimensão de quadra.

Tabela 5 - Valores adaptados das regras para as diferentes categorias do futsal

		Sub 9	Sub 11	Sub 13	Sub 15	Adulto
Baliza	Comprimento	226 cm	240 cm	263 cm	281 cm	300 cm
	Altura	150 cm	160 cm	175 cm	187 cm	200 cm
Quadra	Comprimento	30 m	32 m	35 m	37,7 m	40 m
	Largura	15 m	16 m	17,5 m	18,8 m	20 m
Bola	Circunferência	48 cm	51 cm	56 cm	60 cm	64 cm
Tempo	Minutos totais	20 min	20 min	30 min	30 min	40 min

As alterações no formato de disputa competitiva devem ser introduzidas na organização, estrutura e conteúdos, com intuito de torná-la compatível com as necessidades e interesses da criança, trazendo mais iniciantes para a prática esportiva (MARQUES; OLIVEIRA, 2002).

A relação treino/competição deve favorecer a continuidade e complementação dos objetivos de formação promovidos no treino e levados até a competição, de modo que a competição faça parte do processo de aprendizagem e formação (MARQUES, 2004).

Neste estudo, propõe-se um alternativo modelo competitivo estruturado em três vertentes: os festivais esportivos, as competições pedagógicas e a competição formal, que pretendem tornar o processo competitivo gradual e coerente com o desenvolvimento das crianças.

Scaglia et al. (2006) indicam quatro princípios que devem nortear os festivais esportivos e as competições pedagógicas:

- Ensinar o esporte a todos, o que implica promover competições equilibradas e, conseqüentemente, mais desafiadoras, possibilitando a participação de todos e não somente dos mais habilidosos.
- Ensinar bem o esporte a todos, o que significa que todos os participantes devem jogar tempos semelhantes durante a partida e ter acesso ao conteúdo da competição em si, sua organização e preparação. Além disso, devem-se oportunizar ao máximo as experiências diferenciadas.
- Ensinar mais do que o esporte a todos, o que envolve a participação dos pais de forma consciente dos objetivos da competição, além de apropriação de princípios de cunho humanístico por parte das crianças.
- Ensinar a gostar de esporte, que é resultante da adaptação do jogo segundo as necessidades da criança, como tamanho da quadra e das traves e circunferência da bola.

Para contemplar esses princípios, pode-se utilizar a concepção de festivais esportivos caracterizada por atividades festivas que possibilitam o envolvimento dos pais, possuem um caráter lúdico e promovem a integração. A estrutura dos festivais esportivos evita a eliminação das equipes e possibilita que todas joguem inúmeras vezes (GALATTI et al., 2008). Propõe-se também que meninas e meninos tenham a oportunidade de praticar o futsal juntos em equipes mistas. Alves e Lima (2008) argumentam que meninos e meninas até os dez anos de idade possuem características físicas, como estatura, peso, porcentagem de gordura corporal, força e resistência muscular, semelhantes, bem como o nível de habilidades motoras. No que se refere ao aspecto educativo, é plausível supor que a prática integrada pode restringir preconceitos na prática feminina do futebol e futsal, visto que haverá o incentivo à participação de meninas na modalidade desde a infância.

Outras atividades podem ser incluídas na programação dos festivais, como as disputas de pênalti, campeonatos de gol a gol, gol no caixote, bola na trave, jogos reduzidos e com materiais adaptados, entre outras atividades (SCAGLIA et al., 2006). Por meio dessas experiências, acredita-se que a criança é exposta ao aprendizado da vitória e da derrota, visto que são fatores diretamente ligados ao jogo, porém o foco não está na necessidade de vencer, e, mais do que isso, será um aprendizado realizado de forma lúdica e com experiências diversificadas, o que possibilita amplo desenvolvimento motor e cognitivo dos jovens participantes, favorecendo seu progresso como potencial atleta e evitando a especialização esportiva precoce.

Em sequência à realização de festivais esportivos, pode-se adotar o modelo de competições pedagógicas, as quais se aproximam um pouco mais das atividades tradicionais. Essas competições devem ter como características o conhecimento do esporte e o estímulo à prática. Considerando a faixa etária destinada às competições pedagógicas, que é entre os 13 e 14 anos, deve ocorrer uma transição entre os festivais esportivos para competições cujo entendimento do jogo torna-se mais maduro, não significando a exclusão das possibilidades educacionais (SCAGLIA et al., 2006). Enquanto nos festivais não há eliminação de equipes, nas competições pedagógicas propõe-se uma eliminação parcial em função das derrotas, utilizando-se, por exemplo, a divisão em duas séries. Assim, a competição não

recomenda a exclusão de equipes mais fracas, e sim disputas mais equilibradas, uma vez que as equipes mais fortes realizam confrontos entre si em uma segunda fase, enquanto as mais fracas jogam entre si também em um segundo momento da competição. O fato de a vitória e a derrota posicionarem as equipes na segunda fase competitiva introduz a ideia de que a vitória e a derrota geram consequências diferentes em uma competição, porém não exclui nenhuma das equipes, sendo que todas elas realizam a mesma quantidade de partidas, independentemente dos resultados. Acredita-se que, após esse processo, crianças e jovens tornam-se aptos a participar de competições seguindo características mais formais e próximas às dos adultos.

Após vivenciar esse processo, é plausível supor que os jovens adquiram maturidade para praticar o esporte de maneira próxima ao modelo formal. Propõe-se que, a partir dos 14 anos, a estrutura competitiva siga moldes similares aos dos adultos, com sistemas de eliminação, mantendo-se apenas adaptações referentes às regras. Vale ressaltar ainda que, nesta fase, o aspecto educativo deve ser mantido, especialmente no que se refere ao significado das vitórias e derrotas e possíveis consequências. As competições infantis devem ser experiências ricas e significativas e adquiridas pacientemente, a fim de favorecer uma aprendizagem plena (MARQUES, 2004).

CONCLUSÃO

Atualmente as estruturas competitivas de futsal infantil são similares às dos adultos, caracterizadas pela especificidade e valorização da vitória, independentemente da idade de seus praticantes. Esses modelos induzem um processo de treinamento voltado à especialização esportiva precoce, que resulta em diversos danos psicológicos e físicos aos iniciantes da modalidade. Para realização de um trabalho apropriado às crianças, são necessárias modificações nas regras e alterações na estrutura da competição em si, as quais possibilitem uma participação saudável e inclusiva. O processo competitivo deve ser gradual, no qual as exigências aumentam conforme o desenvolvimento do praticante.

São necessários novos estudos com diferentes metodologias, que incluam a aplicação das propostas apresentadas e a avaliação

dos resultados, de modo a permitir a observação dos possíveis efeitos dessas adaptações no esporte para o desenvolvimento dos atletas infantis de futsal.

ABSTRACT

COMPETITION IN FUTSAL BASIC CATEGORIES: REFLECTIONS AND POSSIBILITIES

Futsal is a sport practiced all over the world, with significant increase of participants in its recent history. Therefore, for proper and sustainable development of the sport, it is necessary that its general structure of training and competition is consistent with the development of its practitioners, from the youngest categories to adults. This study aimed to identify the essential characteristics of futsal competitions for basic categories, as well as analyze the current situation according to scientific knowledge. We evaluated the regulations used in federations in the states of São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Parana, Rio Grande do Sul and Rio de Janeiro, as well as the Brazilian Futsal Confederation. Among the regulations analyzed, we identified a few changes of the official rules in the organization of competitive events for children and juvenile categories. This situation seems to be in disagreement with the theories in the area, which warn that this practice can lead to the early specialization of its practitioners. The development of a sports proposal effectively beneficent to the learner should consider as pedagogical possibilities the rules adaptation and changing the existing competitive models. According to the literature found, it is concluded that the appropriate competitive structure should be based on the child's needs and expectations to favor their full development.

Keywords: sports initiation, development, children, rules.

REFERÊNCIAS

ALVES, C.; LIMA, R. V. B. Impacto da atividade física e esportes sobre o crescimento e puberdade de crianças e adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 383-391, dez. 2008.

ANTUNES, A.C. Formação esportiva: privilégio de alguns ou oportunidades para todos. **Rev. Digital**, n. 83, abril 2005. Disponível em: <www.efdeportes.com> Acesso em: 15 setembro 2012.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL. **Livro Nacional de Regras 2013**. Fortaleza, CBFS, 2013.

DANTAS, P.M.S.; FERNANDES FILHO, J. Identificação dos perfis genético, de aptidão física e somatotípico que caracterizam atletas masculinos de alto rendimento, participantes do futsal adulto no Brasil. **Fitness & Performance Journal**, v. 1, n. 1, p. 28-36, 2002.

FEDERAÇÃO de FUTEBOL DE SALÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Regras**. Disponível em: <<http://www.futsalrj.com.br/futsal/regra>>. Acesso em: 10 setembro 2012.

FEDERAÇÃO CATARINENSE DE FUTEBOL DE SALÃO. **Regulamento geral dos campeonatos estaduais 2012**. Florianópolis, SC, 2012.

FEDERAÇÃO MINEIRA DE FUTSAL. **Regulamento geral da temporada do ano 2012**. Belo Horizonte, MG, 2012.

FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTSAL. **Regulamentos**. Disponível em: <<http://www.futsalparana.com.br/>>. Acesso em: 9 setembro 2012.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTSAL. **Campeonato Estadual A1 menores 2012**. São Paulo, SP, 2012.

FEDERATION INTERNACIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION - FIFA. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/>>. Acesso em: 24 agosto 2012.

GALATTI, L. R et al. Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Conexões**, Campinas, v. 6, p. 397-408, jul. 2008.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2005.

HAGEN, G. O. A. **Uma proposta de adaptação de regras do futebol para crianças**. 2002. 88 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2002.

HALLAL, P. C. et al. Fatores intervenientes associados ao abandono do futsal em adolescentes. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília**, v. 12, n. 3, p. 27-32, set. 2004.

KNIJNIK, J.D.; MASSA, M.; FERRETTI, M. A. C. Direitos humanos e especialização esportiva precoce: considerações metodológicas e filosóficas. In: MACHADO, A. A. (Org.) **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da psicologia do esporte**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. p. 109-128.

MARQUES, A.; OLIVEIRA, J. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde. In: BARBANTI et al. **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde**. Barueri: Manole, 2002.

MARQUES, A. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. In: GAYA, A. (Org.) **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MARTÍ, Eduardo. Processos cognitivos básicos e desenvolvimento intelectual entre os seis anos e a adolescência. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Rio Grande do Sul: Artmed, 2004.

NEGRÃO, C. E. Os mini-campeões. **Caderno de Pesquisa de São Paulo**, n. 34, p. 29-33, 1980.

OLIVEIRA, V.; PAES, R. R. A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, v. 10, n. 71, 2004. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd71/jogos.htm>. Acesso em: 12 agosto 2012.

RAMOS, A. M.; NEVES, R. L. R. A Iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade – notas introdutórias. **Revista Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, 2008.

RODRIGUES, D. A. G.; DE SOUSA, M. A.; MACEDO, M. M. A relação entre a especialização precoce e o abandono prematuro na natação em Uberlândia, MG. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, v. 14, n. 140, 2010. Disponível em< <http://www.efdeportes.com/efd140/especializacao-precoce-e-o-abandono-prematuro-na-natacao.htm>>. Acesso em: 10 julho 2012.

SAAD, M. A. Iniciação nos jogos esportivos coletivos. **Lecturas, Educación Física y Deportes, Revista Digital**, Buenos Aires, v. 11, n. 95, 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd95/inici.htm/>>. Acesso em: 15 agosto 2012.

SALLES, J. G. C.; MOURA, H. B. Futsal. In: DaCOSTA, L. P. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil (2006)**. Disponível em: <<http://www.atlasesportebrazil.org.br/index.php>>. Acesso em: 10 julho 2012.

SANTNA, W. C.; RIBEIRO, D. A. Idade de início de atletas de futsal de alto rendimento na prática sistemática e em competições federadas na modalidade. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-17, 2010.

SANTOS, A. L. P. **Manual de mini handebol**. São Paulo: Phorte, 2014.

SCAGLIA, A. J.; MEDEIROS, M.; SADI, R. S. Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. **Revista Virtual EFArtigos**, Natal/RN, v. 3, n. 23, abril 2006. Disponível em: <<http://efartigos.atspace.org/esportes/artigo68.html>>. Acesso em: 29 agosto 2012.

SILVA, B. O. Especialização esportiva precoce no futsal: análise da incidência de lesões osteomioarticulares. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 15, n. 144, maio 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 15 agosto 2012.

VOSER, R. C.; NETO, F. X. V.; VARGAS, L. A. M. A criança submetida precocemente no esporte: benefícios e malefícios. **Futsal Brasil**, Rio Grande do Sul, maio 2007. Disponível em: <http://www.futsalbrasil.com.br/artigos/artigo.php?cd_artigo=153>. Acesso em: 10 agosto 2012.

Endereço para correspondência:

Av. Jaguaré, 249 / 47M
Bairro Jaguaré
05346-000 São Paulo SP

E-mail: jessica_caroline1990@hotmail.com